This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

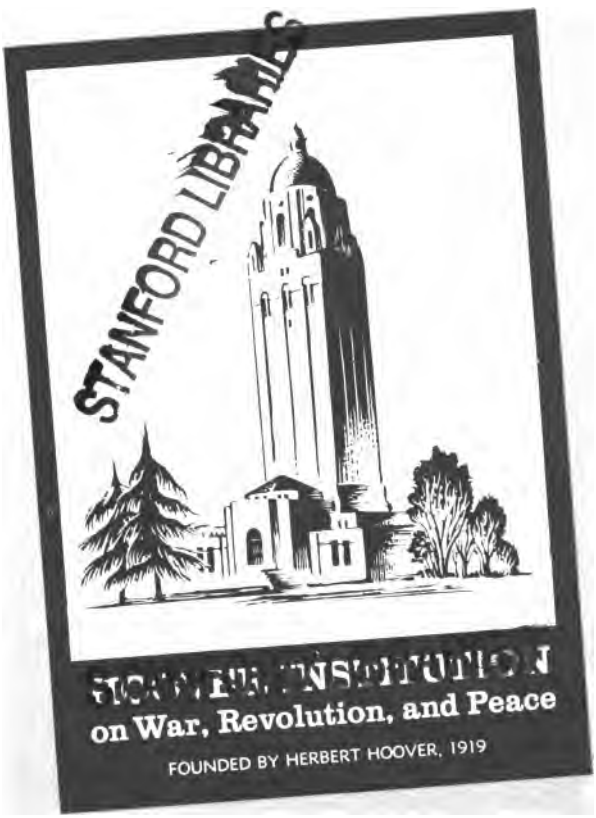
STANFORD LIBRARIES
HOOVER INSTITUTION

Angola. Governo Geral. Repartição do Gabinete.

Breve noticia sobre o planalto colonisavel de Benguella.

STANFORD LIBRARIES

DT
611.8
B4A59



STANFORD LIBRARIES

GOVERNO GERAL DA PROVINCIA DE ANGOLA

REPARTIÇÃO DO GABINETE

BREVE NOTICIA

SOBRE

O Planalto Colonisavel

de BENGUELLA

FOOD RESEARCH INSTITUTE

APR 10 1962

LOANDA

Imprensa Nacional

1908

D
E-4A59

31762

PALAVRAS PREVIAS

Estando a construcção do caminho de ferro de Benguella a attingir os planaltos de colonisação, é o momento azado para trazer a publico alguns esclarecimentos acerca do paiz, suas caracteristicas, recursos e capacidades.

No intento de preencher esse encargo sobre as bases escrupulosas, e quanto possivel fieis, que conveem á indole de uma obra official, e tambem á especie de fins que se teem em vista, foi, no anno ultimo de 1907, enviada para os locaes uma commissão, composta por um medico-naturalista, um agronomo, e um topographo (1) a qual,—reunidas as informações e subsidios diversos do anterior existentes, vem, desde então procedendo sobre o terreno a uma serie de estudos complementares.

D'essa origem provém a «Noticia» que segue.

Embora em curtas palavras, n'ella se procurou definir sem exageros, perante os portuguezes, qual o campo de trabalho que, n'esta possessão nacional, se patenteia ao seu dispor.

Não se lhes sugerem os horisontes tantas vezes falazes dos campos mineiros,—mas apenas se aponta e se explica que estão ali terras vagas, com seguranças de producção agricola, e com possibilidades de escoamento para mercados compradores.

Fixado á terra nas alto-planuras do sul de Angola, o povoamento portuguez formará, ao objectivo politico de nacionalisar esta grande Provincia, o arcabouço e o eixo principal; e proprietarios, de residencia permanente, que, por si mesmo, trabalhem e dirijam, exercendo a pequena ou a media cultura, com auxilio da familia e de pequeno numero de serviçaes indigenas, representam para o effeito o typo adequado de colonisação.

---

(1) Srs. dr. José Pereira do Nascimento, Antonio José do Sacramento Monteiro e João Maria Ferreira do Amaral, a quem, ultimamente, se agregou o sr. Alfredo de Andrade, explorador geographo da provincia.

O accesso agora para ali aberto pela via errea, descobre perspectivas, e facilita ensejos. para trabalhos no sentido da realisação pratica de tão momentoso proposito.

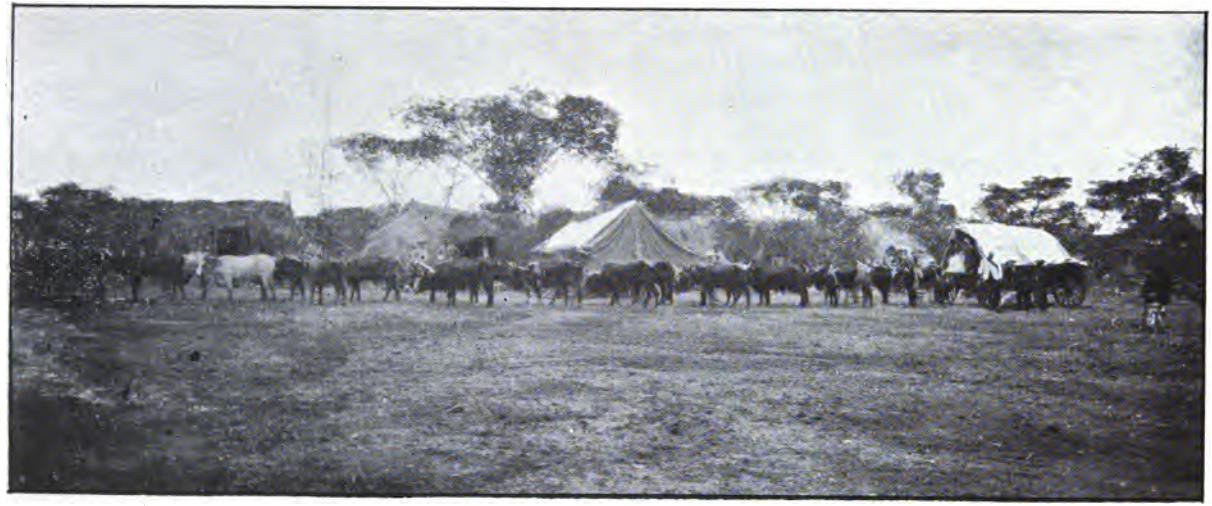
Trazer taes perspectivas á luz da divulgação, é o pensamento d'este pequeno volume.

Quanto aos ensejos, bom seria que se aproveitassem, com vantagem para a collectividade, podendo por essa fórma ver encaminhados os destinos de engrandecimento atravez dos mares que as tradições e a estreiteza do seu territorio europeu desde sempre lhe provocam e indicam,—e com vantagem para os individuos a quem este prolongamento da Mãe Patria houvesse de facultar accrescimos de fortuna, ou mesmo simples desafogos de existencia.

Contém a «Noticia», além da primeira parte propriamente descriptiva, uma segunda parte, onde já se incluem certas indicações, ou conselhos, destinados a futuros colonos.

Requer-se ainda uma terceira parte que, junta ás duas primeiras, complete em certo grau «O Guia do Immigrante», abrangendo para esse fim as necessarias referencias ás carreiras de navegação e caminho de ferro de Benguella, e respectivas tarifas de pessoas e mercadorias,—ao regimen aduaneiro e administração publica, aos impostos, custo de generos de primeira necessidade, e demais factores de directo interesse na vida, e na economia local.

Opportunamente se publicará.



HUAMBO—Um acampamento provisorio

CACONDA—Quintal e casa França, com arvores de eucalyptos

HANHA—Ajuntamento no fortim para audiencia

PARTE I

O PAIZ

STANFORD LIBRARIES

EGYPTO (BENGUELLA)—Assentamento da linha Decauville na fazenda «Boa Vista» (Cacalla) no Gongollo

EGYPTO (BENGUELLA)—Fazenda S. Matheus (Quimbuco)

HANHA—Aspecto geral (Descida dos carros para o plateau do fortim (encosta)

HUAMBO—A matta na estrada de Kahala

CAPITULO I

Descripção geographica

a) O porto e a via ferrea

Aos 12° 34′ 17″ de latitude sul e 13° 22′ 30″ de longitude oeste (meridiano de Greenwich) encontra-se Benguella, capital do districto do mesmo nome e uma das cidades costeiras da Provincia de Angola.

A norte, e ligado á dita cidade por uns 35 kilometros de via ferrea, já em exploração, está o Lobito, que póde e deve, ser considerado como o melhor e mais seguro porto da Africa Occidental, hoje já frequentado pela navegação não só portugueza como ingleza e allemã.

De Benguella, primeiro com a direcção sueste na extensão de uns 60 kilometros, parte a via ferrea do planalto, que já tem projecto estudado até ao kilometro 740, e cuja construcção e assentamento de via, attinge no momento actual o kilometro 205, continuando os trabalhos no seu seguimento regular, e sendo de prever que este se faça com maior rapidez do que até aqui visto estarem transpostas as maiores difficuldades.

Algumas dezenas de kilometros para diante d'esse ponto onde agora se acha (kilometro 205), começa a via ferrea a entrar na verdadeira zona de colonisação planaltica, cuja resumida noticia descriptiva intentamos aqui fazer.

b) Definição da faixa colonizavel

Circumstancias de clima, derivadas principalmente das maiores altitudes, limitam, pouco mais ou menos, entre o meridiano 15° a Oeste, e o meridiano 17°; a

leste, a zona colonisavel do planalto de Benguella; quanto aos lados norte e sul, e attendendo a que a vida e progresso da colonisação se prendem pela base com a via ferrea, marcaram-se limites convencionaes pelas linhas que passam a uns 30 kilometros da mesma via ferrea.

Assim se obteve aquella faixa, cortada ao meio pelo caminho de ferro, e abrangendo um espaço de mais de 12:000 kilometros quadrados, que chamaremos «zona inicial de colonisação».

c) Orographia

A directriz do caminho de ferro acompanha mais ou menos linhas divisorias de aguas, d'onde resulta que a zona de colonisação fica assente sobre as ramificações dos contrafortes, em regra ligeiros, que formam as bacias hydrographicas da infinidade de affluentes dos grandes collectores principaes: Catumbella para oeste, Queve para noroeste, Quanza para norte, Cunene e Cubango para sul.

Entre esses valles mais importantes algumas serranias se levantam, como seja por exemplo a do Bongo, separando as aguas que descem ao Catumbella, das que se dirigem para o Cunene.

Todavia, a média das altitudes conserva-se por entre 1:600 e 1:700^{m}, sem se afastar para baixo de 1:400^{m}, nem para cima de 2:000.

A disposição orographica caracterisa-se por um typo predominante de vastas planicies que se ondulam n'um systema de collinas largas e baixas, separadas entre si por numerosos cursos de agua, canalisando-se em convergencia para as arterias principaes. Estas, embora occupem depressões mais pronunciadas, raras vezes, no entretanto, se limitam por grandes elevações de solo, e não apparecem geralmente rios encaixados entre serranias, formando valles fundos e estreitos, com os desnivelamentos rapidos e frequentes, proprios dos solos montanhosos. Pelo contrario os terrenos marginaes dis-

CACONDA—Vista do lado do hospital para a povoação

CACONDA—A fortaleza de frente

põem-se em largas campinas e varzeas, a subir com suave inclinação desde o leito dos rios, para a lombada das collinas, formando planicies de leve declive, e centenas de metros, e até kilometros, de extensão. Apenas n'algumas zonas montanhosas divisorias das grandes bacias hydrographicas, as nascentes que lhes sulcam os flancos, cavam fundo os seus leitos.

d) Hydrographia

Debaixo d'este ponto de vista é a região que estudamos bastante rica e bem provida.

Quaes são os collectores principaes já atraz se disse, e aqui apenas nos referiremos mais em especial aos affluentes de maior interesse.

Bacia do Cuiva (affluente do Catumbella)

Nasce esse rio entre os montes Uendelongo e Chingenji no plateau de N'ganja, toma primeiro a direcção de leste, descreve depois uma curva pronunciada, e acaba por correr a oeste n'um troço approximado de 40 kilometros, até ao ponto da confluencia. Pela parte norte tem como affluentes mais dignos de menção o Cubal, Talangue e Cuavula, e na curva recebe o Apupa e o Chicanda que vem das serranias divisorias das aguas, do Catumbella e Cunene.

A bacia do Cuiva abrange o espaço de uns 70 kilometros de oeste a leste, e 50 de norte a sul.

O relevo apresenta-se variado: alguns montes de elevadas cristas,—Uendelongo, Canomba e outros,—no angulo formado pelo Cuiva e Catumbella; e entre o proprio Cuiva, e o Bunjei (outro affluente do Catumbella), o plateau de N'Ganja, vasta campina com altitudes de 2:000^{m}, salpicada de pequenas elevações e macissos de vegetação arborea.

Bacia do Cunhungamua (affluente do Cunene)

Nas vertentes oppostas áquellas d'onde descem as aguas de alguns dos affluentes do Cuiva, se encontra a bacia do Cunhungamua, sulcada por numerosos af-

Lobito—Vista da bahia

Bihé—No rio Quanza

Egypto (Benguella)—Cachoeira no rio Balombo
em Santo Antonio

fluentes de pequenas dimensões, mas muita abundancia de agua.

O relevo só é notavel na parte norte, sendo a restante constituida segundo a disposição caracteristica acima mencionada como typo generico, em valles abertos arborisados até meia encosta, e cobertos de vegetação herbacea, desde ahi, até á margem dos ribeiros. Aqui e além, surgem do alto das collinas penedos isolados.

Cabeceiras do Queve

Tem este rio a sua origem proximo a Candumbo e até ao parallelo 12° 30′ (que é a parte que directamente aqui interessa) corre a norte noroeste, abrangendo na bacia uma largura de cerca de 50 kilometros, com numerosos affluentes e subaffluentes.

Distinguem-se como relevo as serras de Chipeio, Chinguri, Erubanganda e varios montes, com a rocha a descoberto uns, outros revestidos de vegetação.

De todas as encostas dos macissos circumdantes se escoam veios de agua que mais para baixo entram em valles muito abertos e em extremo desaffrontados. Mesmo em simples collinas se encontram altitudes de 1:800^{m}.

Cabeceiras do Cunene

Ao lado da bacia do Cunhungamua affluente do Cunene que deixamos mencionado, e a sul de Candumbo, encontram-se as nascentes do proprio Cunene. A zona que lhe corresponde não tem caracter montanhoso, e é bem regada de aguas.

Para leste da bacia do Cunene o terreno eleva-se bastante até á divisoria de aguas do Cubango.

Zona comprehendendo as cabeceiras do rio Cutato (do Quanza) e as cabeceiras do Cubango e seus affluentes Cutato das Ganguellas e Cuchi

O paiz é de grande elevação com ondulações muito extensas, e cortado por muitos affluentes e subaffluentes dos rios principaes. Alguns dos valles teem grande lar-

HUAMBO—Quimbundos pagando o imposto de cubata na fortaleza

gura apresentando extravasamento de aguas por occasião da sua maior abundancia.

Só proximo da nascente do Ualondo (affluente do Cutato do Quanza) apparece um monte, o Chimbango, de 1:949^{m} de altitude, rochoso e escarpado.

Afloramentos de rocha se observam tambem em outros pontos da região.

E' n'esta mesma zona que existe a chamada «anhara de Bulo-bulo», extensissima campina, vestida apenas por gramineas.

Bacia do Cuquema (affluente do Quanza)

Terreno muito abundante de agua e orographia pouco accentuada. Os principaes affluentes do Cuquema são o Cuito que corre no sopé da collina onde se levanta a povoação de Belmonte, e o Dembei cujo curso acompanha a via ferrea.

A parte leste da bacia do Cuquema, quando o seu curso depois de descrever uma curva bem marcada toma a direcção nordeste para confluir ao Quanza,—fica excluida da zona colonisavel, em virtude da disposição orographica dando logar á formação de depositos de aguas estagnantes de uma estação chuvosa para outra, e, ainda, por causa das altitudes que baixam a 1:400^{m}.

Typos da Ganda—(Irmão e irmã)

Hanha—Typo de mulheres mu-hanhas

CATUMBELLA—Largo da Garanganja

Valle do rio Chicanda

CACONDA—Egreja de Nossa Senhora da Conceição

CAPITULO II

Flora e fauna — Productos naturaes aproveitaveis

a) Flora

Se não chega a attingir vigores extraordinarios, é comtudo a flora d'este planalto rica e variada, e susceptiveis as suas producções de aproveitar-se com vantagem em usos domesticos e industriaes.

N'um trabalho d'esta natureza descabidos se encontrariam detalhes propriamente botanicos, e assim nos resumiremos a uma breve idéa das essencias florestaes e sua mais vulgar applicação, indicando os nomes indigenas por que são conhecidas:

Uxa ou *noxeira* — Com fructo *(onoxa* ou *oloxa)* de sabor doce acido, é comestivel produzindo boa aguardente. E' tambem aproveitavel o caroço, d'onde se extráe um oleo semelhante ao azeite de oliveira. A madeira é boa para obras de marcenaria.

Mako (pau ferro) — Madeira muito rija inatacavel pelo salalé e boa para obras mais delicadas.

Kaperengolo — Parecida com o mogno, idem.

Nganja — Parecida com o ebano, idem.

Omanda — Madeira pouco rija, propria para trabalhos grosseiros.

Ongolo — Pouco consistente; a infusão das folhas pisadas é usada em fricções contra dores.

Kuna-Kuna — Fructo comestivel, — propria para barrotes.

Ungolo — Rija e resistente; a casca e raiz dão tinta de côr amarello clara.

Ussamba — O entrecasco fornece fibras rijas que se podem utilisar, fazendo cordas.

Luhengo—Arbusto com fructo comestivel.

Kuriungo—Fructo comestivel.

Hombula--Fructo comestivel doce,—boa qualidade de madeira.

Mborombõro—Arvore esguia, madeira aproveitavel para mastros, vigas e barrotes.

Lui—Bella madeira para obra de marcenaria.

Onundo—Boa medeira para taboas.

Sassa—Madeira boa para vigas e barrotes,—as fibras textis do entrecasco servem para cordas.

Homue—madeira boa para taboas, vigas e barrotes; —da casca extrae-se tinta de côr amarello torrado.

Ussolo—Madeira de boa qualidade.

Ukuio—Madeira muito leve e porosa, mas resistente e boa pora marcenaria.

Jungue—Bella madeira propria para obras de marcenaria.

Mbombo e Sasse—Idem.

Ndirassonde, (chora sangue)—Bella madeira de grão fino, resistente ao salalé e rija,—do entrecasco extrae-se tinta encarnada.

Ulemba (sycomoro)—A maior arvore e de maior duração; serve especialmente para dar sombra; madeira pouco consistente.

Maravassusso, *Lomenhanha, Logonguena, Olimone Lavegala*—Arbustos e subarbustos que produzem fructos comestiveis.

Lubire—Madeira usada na preparação do carvão para forjas.

Ussembo—Arvore alta com fructo comestivel.

Tetembula—Madeira boa para barrotes e fructo comestivel.

Vitinga, vitinga njamba (elephante), *Utende* e *Kakando*—Tuberculos de cujo latex se obtem a borracha sendo a do primeiro de primeira qualidade e a dos restantes viscosa.

Chimbinga—Arvore que contém latex no tronco e raizes, produzindo borracha.

Um aspecto do rio Chissala

Ekenha (significa borracha) — Trepadeira; na casca contém latex que produz borracha de boa qualidade.

Bahuma—Bolbo com a forma de uma cebola, contendo uma materia textil filamentosa como o algodão.

Zumbi—Arbusto de cuja raiz se extrae tinta de côr negra.

Iolo—Subarbusto de fructo doce e comestivel.

Lolano—Bambu, muito usado como material de construcção para a armação do tecto das casas.

Uangu (capim)—Com muitas variedades das quaes as conhecidas pelos nomes de *Ussita, Sene-Soke* e *Ulumgumbe,* são bons pastos quando novas e tenras, sobretudo a ultima e as restantes variedades servem ou para fabricar cestos e esteiras ou para cobertura de casas.

b) Fauna

São numerosas, variadas e abundantes as especiesa nimaes que habitam esta região. Por não haver conveniencia n'uma enumeração completa, limitar-nos-he-mos ao que mais possa importar ao colono, citando os nomes indigenas, mas seguindo, comtudo, a classificação zoologica.

Advirta o leitor que, apesar de longa a lista que segue, e d'incluir nomes que podem acaso impressionar o espirito, como o leão ou a giboia, é facto que nenhum perigo implica ella, para o viandante, ou habitante, maior do que aquelle que dos lobos póde advir, a quem passe, ou assista, nas nossas estradas ou povoações ruraes do reino. Que o digam tantos que, tendo feito transitos pelo interior, veem, afinal, a retirar da Provincia, com o desconsolo de nunca terem conseguido pôr os olhos em cima de nenhum d'esses animaes do paiz, proprios para dar interesse ás suas recordações de viagem.

Os mosquitos ainda são, feitas as contas, os nossos peiores inimigos em Africa.

Quadrumanos olossima (macacos)

Da grande variedade que existe, apenas ao *Pundusima* aproveitam os indigenas a carne, que dizem ser saborosa. Em grupo atacam o homem.

HANHA—Pisagem de milho sobre lages

BIHÉ—Viajando pelo interior

Carnivoros

Felidios — Leão (Hossi ndumbu; hossi Kinganja); Leopardo (ongue); Ongue-ia-Kaluko (leopardo pequeno); Emalanga (um pouco menor que o leopardo); Ondjoi (dimensões da onça); Lussimba (gato tigre); Chissue (gato bravo); Chimbungu (Hyena).

Digitigrados — Mbufu (bombardeiro, dimensões de um cão); Djundu-ribau (lontra grande); Djundu (lontra pequena); Ufuka (lontra pequena).

Canideos — Mbinji (cão selvagem); em grupo ataca o homem e até o leão.

Insectivoros

Hui (toupeira).

Cheiropteros

Kakemahema e Dima (morcego grande); Dinie, (morcego pequeno vulgar).

Roedores

Ondimba (lebre vulgar); Uita (lebre das pedras); Huio (maior que a lebre, vive em tocas nas anharas); Humbi (do tamanho de uma lebre pequena); Libe (carne como a do porco com o qual tem algumas semelhanças); Chissaka (porco espinho, carne saborosa).

Desdentados

Ongimbu (formigueiro, do tamanho de um porco grande, carne saborosa); Haka (pangolim, carne boa).

Pachydermes

Ongueve (hypopotamo, cavallo marinho); a carne e gordura são bons alimentos, da pelle fazem-se chicotes e bengalas e os dentes fornecem marfim; Ongolo (zebra), a pelle dá bons tapetes; Onguluve (javali, vivendo nas florestas).

Ruminantes

Onhami (bufalo); a carne é saborosa; Onhima (girafa).

Antilopes

Mberi (corça pequena); Onunha (corça); Ombambi e Kaumpulo (corças pequenas); Hucha (como um cabrito); Onussi e Menha (gazella grande); Ngulungu (veado);

HUAMBO — Um aspecto da matta

Chissobi e Surgue (semelhantes á gazella Onussi); Chissema (semelhante a burro, sobretudo a femea que não tem chifres, facilmente domesticavel); Nguerengue (com a corpulencia de um boi, carne muito saborosa); Malanga (parecido com um cavallo, com chifres e pello de burro).

Aves

De rapina—Kapamba (aguia); Evimbi (milhafre); Gonga; Nhamahuti; Hubi; Hude; Koli-Koli (nome derivado do canto); Onjimbi e Chilukulu (mocho grande); Kachukuchuku e Elumba (coruja pequena).

Trepadores—Chitechencheu (nome derivado do canto, periquito pequeno); Chikengue (idem); Kuku (cuco).

Gallinaceos—Hanga (pintada, gallinha do matto, carne saborosa); Nguari (perdiz); Chikombokombo (perdiz do tamanho de uma gallinha); Ekalanga (codorniz); Elundo (perú do matto, carne saborosa); Epumumu (tambem parecido como o peru); Hokohoko (nome derivado do canto); Luile (dimensões de um gallo, carne saborosa); Tokanho (idem); Nekengua (pombo bravo); Ekuti (rola grande); Onende (rola pequena).

Pernaltas—Kokerekere (dimensões da gallinha, carne saborosa); Nhangue (garça, dimensões da gallinha); Ependa; Humbihumbi (a pelle dos peitos é aproveitada pelos indigenas para fazer gorros).

Palmipedes—Chitinde (maçarico); Java (dimensões e fórma de um pato).

Passaros—Enorme variedade e entre os principaes os seguintes: Chikuamango (corvo); Sole (indicador, assim chamado porque cantando conduz o caçador ás colmeias onde ha mel); Ndúa (ave do tamanho de um pombo); Luando (devora as carraças dos bois); Kanjandunha (curioso pelo seu canto—nhamu tutale udele—que quer dizer: este anno veremos branco).

Saurios

Ngandu (crocodilo); Tatu (lagarto grande); Lussengue (idem); Elangainho (camaleão); e innumeros lagartos e lagartixas.

HANHA—Passagem de carros boers de Benguella

HANHA—Aspecto geral (lage granitica no rio Ubiri)

Ophidios (cobras)

Moma (giboia, chega a attingir 10 metros); Neta ou Libambua (até $0^m,6$); Mbuta (surucucú $0^m,5$, venenosa); Ndala (venenosa, $1^m,8$); Elondo (venenosa $1^m,5$); Kuiva (cuspideira, venenosa $1^m,8$); Chiate (cuspideira, venenosa $1^m,5$); Lutandjira (venenosa, 1^m); Bandemdjira (venenosa $0^m,5$); Sairire (venenosa $0^m,4$); Chilalututu (venenosa, $1^m,2$).

Chelonios

Ombeu (tartaruga, kagados); Echoncho (aquatica); Lepandangongo (terrestre, carne saborosa).

Batrachios

Muitas variedades entre as quaes: Lenonga (rã verde); Kakulossema (reineta, engulidas pelos bois causa-lhes a morte).

Peixes (Olombiji)

Abundantes nos grandes rios. As principaes especies usadas na alimentação são:

Ponde (bagre grande, 1^m de comprido); Hunga ($0^m,4$); Chiparakassa ($0^m,2$); Chilepue ($0^m,2$); Ombua ($0^m,4$); Ongulo (peixe-porco, $0^m,4$); Ngundo ($0^m,2$); Mbanda ($0^m,2$); Chinhonhoso ($0^m,8$); Ndombe ($0^m,25$); Unji ($0^m,8$).

Insectos

Orthopteros — Lohuma (gafanhoto).

Nevropteros — Mbunji, termite ou formiga branca (salalé).

Hymenopteros — Onhihi (abelha); Ongéu (formiga grande que ataca o salalé); Kahunda (menor que a antecedente, tambem ataca o salalé); Kissonde (o maior inimigo do salalé e investe contra os animaes damninhos); Chingui (inoffensiva).

Lepidopteros — Grande variedade sem interesse pratico, mas de lindas côres.

Hemipteros — Lohisso (percevejo); Kihobui (carraça); Lohùba (carraça dos animaes).

Dipteros — Lumbemba (parece ser o transmissor da *caonha,* doença do gado bovino); Oluhamue (mos-

CACONDA—Começo da rua José de Anchieta

CHEANGA—Povoação, arborisação dos montes

quito da variedade *culex;* não existindo, por emquanto o *anopheles*).

Arachnidios — Kohi (aranha grande e venenosa); Nhenha (escorpião venenoso).

Crustaceos—Hala (caranguejo pequeno).

Annelideos—Eturi (sanguesuga).

Helminthos—Epuka (lombriga); Epapi (solitaria).

Moluscos— Gasteropodes de varios tamanhos; Ehotio, (caracol).

CACONDA—Educandas das irmãs da Missão Catholica

EGYPTO (BENGUELLA)—Fazenda «Boa Vista» (Cacalla)

EGYPTO (BENGUELLA)—Vista geral

Huambo—Uma casa europeia

CAPITULO III

A Terra

a) **Constituição geologica**

O subsolo d'este planalto é formado por uma vasta elevação do terreno primitivo, sobre cujas depressões, fendas e bacias, cavadas pelas aguas torrenciaes das epocas primitivas, assentou directamente por extractos successivos o terreno quaternario constituido por espessas camadas de argilla ferruginosa. Assim, pois, vê-se que o subsolo é formado pelo granito, e o solo por argilla resultante da decomposição e desaggregação dos elementos da rocha primitiva; feldspatho, quartzo e mica.

A ossatura d'este systema geologico aflora á superficie do solo alluvial sob as fórmas: de lombadas, morros picos e blocos, formando as cumeadas das serras e montanhas, divisorias das vastas depressões que deram origem ás bacias hydrographicas dos grandes rios; de morros isolados, mais ou menos cylindricos emergindo do solo, como monolithos curiosos, nos valles de alguns rios; e de afloramentos em blocos e pequenas bossas nas margens e cursos dos rios, formando rapidos e quedas.

Aqui e além o solo granitico foi atravessado por jactos de rocha plutonica, basalto, filões de quartzo, quartzite, rochas do typo dioritico e silicatos com minerio de ferro. Em raros pontos (Bailundo) apparecem com parcimonia gneiss e um calcareo silicioso. No Huambo domina o typo do granito de feldspatho branco e pouca mica, emquanto que no Bailundo domina o typo de feldspatho rosado e

abundante mica negra, e é maior a variedade de rochas emergentes nas cumeadas das montanhas, onde já apparece o gneiss rico em mica negra, algumas fórmas de rochas silicatosas com oxydo de ferro, e um calcareo silicioso (nas proximidades da missão catholica), unico jazigo de pedra calcarea até agora descoberto em tão vasta região, e do qual os missionarios tentam extraír a cal, material de construcção muito raro n'este planalto.

Reconhecido o granito como base d'estes terrenos, facil é deprehender a genese e natureza do solo alluvial. Os feldspathos basicos do grupo plagioclase, que entram em maioria na composição do granito, decompozeram-se sob a poderosa influencia das aguas tropicaes, mais ou menos carregadas de acido carbonico, submettidas á acção das pressões e temperaturas das epocas primitivas, a silica libertou-se por hydratação dos silicatos duplos e as bases, aluminio, potassio, sodio e calcio, separaram-se sob a fórma de silicatos e carbonatos, que misturados com a silica foram depositados pelas aguas nas cavidades, depressões e fendas do granito, formando camadas de argilla a que se associaram os saes terrosos da decomposição das micas.

O quartzo, por sua vez, triturado pelas aguas torrenciaes, juntou o elemento areia ás argillas; d'ahi a argilla silico-arenosa.

Por outro lado, as aguas pluviaes corroendo a massa granitica fundamental e desaggregando-a nos seus elementos constituintes, abriram fendas no terreno primitivo e, postas em contacto com as rochas plutonicas que revestem a grande massa de ferro formando o nucleo da terra, se directamente não actuaram sobre elle, carregaram-se dos saes de ferro que impregnavam as rochas eruptivas, depondo-os á menor pressão e temperatura das camadas superficiaes, de mistura com as argillas, sob a fórma de sexquioxidos hydratados (hematite e limonite); d'ahi a formação da argilla ferruginosa, cuja riqueza em ferro é tanto maior, quanto mais profunda é a camada argillosa.

HANHA—Indigenas no fortim

BIHÉ—No rio Quanza

Teem pois estas argillas como elementos componentes, os silicatos e carbonatos das bases aluminio, potassio, sodio, magnesio e calcio, com sexquioxido de ferro e areia. São terrenos ferteis e muito proprios para as culturas cerealiferas, tendo como correctivo os saes de potassa, soda e cal contidos nas cinzas das gramineas annualmente destruidas pelas queimadas, e o carbone e azote da decomposição lenta e expontanea das plantas que revestem as elevações do solo.

b) Natureza das terras

Antes de entrar propriamente na descripção do solo daremos uma definição da palavra «anhara».

Dão os indigenas esta denominação a toda a zona mais ou menos plana, coberta de gramineas ou leguminosas rasteiras e despida de arborisação, quer occupe o alto das montanhas quer as margens dos rios; solo de constituição silico-argillosa, silico-humifera, e siliciosa. Distinguem-se tres especies.

1.ª *Anhara secca de gramineas*—Formando os terrenos marginaes dos rios, dispostos em varzeas de suave inclinação desde o leito até a orla das florestas. Constituem bons terrenos para culturas. As cinzas provenientes das queimadas que é de uso fazer-se na epoca do cacimbo, servem de correctivo ao solo.

2.ª *Anhara secca de leguminosas*—A vegetação é constituida por uma leguminosa rasteira denominada *ngote;* o solo abunda em humus resultante da decomposição das folhas e fructos; forma as margens dos grandes rios, em largas varzeas de pequena inclinação chegando a ter kilometros de largura. O terreno é proprio para culturas cerealiferas.

3.ª *Anhara humida de gramineas-naka*—São os terrenos que encostam aos leitos dos rios de margens muito baixas, conservando-se encharcados e balofos com grossas camadas de gramineas seccas cobertas com tufos de gramineas novas. Podem servir para culturas de arroz e plantas horticolas.

HANHA—Acampamento de carros boers

HANHA—Aspecto geral (queda de agua no rio Ubiri)

Referindo pois ás anharas, ou de um modo geral aos terrenos do planalto, póde dizer-se que n'elles se encontram typos variados, onde as differentes proporções de argila e areia, como elementos dominantes, se combinam de modo a satisfazer ás exigencias de um grande numero de culturas cerealiferas, gramineas, leguminosas, fructiferas, de tuberculos etc.

EGYPTO (BENGUELLA)—Fazenda «Boa Vista» (Cacalla)
Ponte pensil sobre o rio Balombo em frente da casa de habitação

EGYPTO (BENGUELLA)—Cachoeira no rio Balombo
em Santo Antonio

CATUMBELLA—Interior da egreja

HANHA—Vista do forte

CAPITULO IV

Aguas

Em toda a região existe como vimos notavel abundancia de agua, cuja qualidade varia evidentemente com a natureza dos terrenos que atravessa ou da camada sob a qual se accumulou.

E' certo, porem, que todas as aguas das zonas de 1:400 a 1:800^{m} são boas.

As aguas dos grandes rios teem em geral substancias terrosas em suspensão, porém as dos pequenos corregos são limpidas, frescas e saborosas.

As analyses das aguas do Bihé correndo sobre terrenos silico-argilosos em subsolo de schisto argiloso, crystalinas e potaveis, deram um grau hydrotimetrico de 2,5 com pequenas percentagens de saes, e ausencia de carbonato de cal.

Este grau de dureza é em muitas aguas sómente de 1,5 e com acido carbonico apreciavel.

Aguas thermaes só se conhecem por emquanto as do Andulo ao norte do Bihé, e proximo a Cahata ao norte de Chiaca.

CACONDA—Creanças africanas

CACONDA—Cacondista civilisada e filha

HANHA—(Cinco vitellos) creação da casa T. da Cruz

HANHA—Vacca creadeira e leiteira da casa T. da Cruz

CAPITULO V

Clima

São duas, e perfeitamente definidas, as estações que caracterisam os climas d'estas regiões, comprehendidas nas altitudes de 1:500 a 1:800^{m}: a estação das chuvas, e a estação secca.

A primeira, que dura approximadamente sete mezes, vae de outubro a abril; no primeiro e ultimo, sobretudo nos annos de poucas chuvas relativas, apenas cáem algumas bategas de agua, sendo os de novembro a março os mais chuvosos, e dando-se uma interrupção no mez de janeiro. Durante o mez de setembro cáem ás vezes uma ou duas chuvadas.

E' raro chover durante horas seguidas; o mais vulgar são as bategas abundantes que poucas vezes excedem uma hora de duração, desanuviando logo o ceu.

N'uma estação regular as chuvas são sempre de tarde ou durante a noite até á madrugada, apparecendo as manhãs limpas.

De uma fórma geral, os ventos que trazem as chuvas são do nascente; varia porém, muito essa direcção, sobretudo em referencia a logares abrigados por montes ou em valles abertos.

A quantidade de chuvas nos annos abundantes é de 1^{m},7, em média, descendo, todavia, uma vez ou outra, a 1^{m},3 e mesmo a 1 metro.

Na estação pluvial raro as temperaturas minimas descem abaixo de 13 graus, e as maximas poucas vezes attingem 30 graus á sombra. A média regula por 20

graus e a humidade chega a 72 por cento. Isto nas altitudes proximas de 1:700 metros, porque nas de 1:500 metros a média eleva-se a 22 graus e a humidade a 80 por cento.

No entretanto como n'essa epoca o céu se conserva muito encoberto de nuvens, a temperatura é perfeitamente supportavel ao ar livre.

A estação secca (de maio a setembro) é caracterisada por uma temperatura baixa, em média de 17 graus podendo ir até 19 graus nas situações de 1:500 metros, e descer a 16 graus nas de 1:800 metros. A temperatura vae diminuindo gradualmente até junho e julho, em que póde descer a 1 grau, ou mesmo abaixo de zero nas margens dos rios desarborisados e em valles abertos. A humidade é em média de 60 por cento, e o ceu, embora ligeiramente nublado nos mezes de junho e julho, apresenta-se em regra, quasi completamente limpo e a atmosphera muito secca.

O estudo analytico do clima leva a concluir que a sua salubridade consentirá a expansão da raça branca, pela propagação sem degenerescencia, e, ainda, que n'elle poderá o colono europeu pelo braço proprio cultivar o solo.

CACONDA—Casa na Missão Catholica

CATUMBELLA—Grupo de cyclistas

CACONDA—A fortaleza de lado

Bihé—Uma casa commercial, serrando madeira

Caminho de Ferro do Lobito—Viaducto Eduardo Costa

CAPITULO VI

População indigena

N'um paiz onde a machina administrativa não dispõe, nem póde dispôr ainda de todas as rodas competentes, pouco abordaveis se apresentam os calculos de numero de habitantes, mórmente com as facilidades de deslocação d'essas populações pouco densas.

No entanto, pela estimativa baseada nos relatorios das pessoas que com mais assiduidade tem percorrido a região póde estabelecer-se a média de seis habitantes, por kilometro quadrado, entendendo que essa media se conta, em relação á area total do planalto, com variantes de densidade, conforme a natureza mais productora do solo.

Quanto a trabalho, não se dedicam os habitantes do planalto á agricultura e pastoricia que endossam para o elemento feminino, mas antes aos misteres de negociantes e carregadores; são elles os intermediarios entre os negociantes europeus e os povos ganguellas, ambuellas e quiocos, com os quaes permutam por conta propria, em longas e frequentes viagens, a borracha e a cera.

Ainda assim é abundante a cultura de generos de primeira necessidade, como milho, feijão, abobora, mandioca, batata doce e ingleza, etc., que em epocas de depreciação da borracha, plantam em maior quantidade e vendem ao europeu. N'uma escala menor produzem tambem arroz, canna sacharina, tabaco, mendobi, luco (cereal), vielo (leguminosa), ervilha, alguns tuber-

culos, e leguminosas, da flora indigena, e certas arvores fructiferas, como a goiabeira, bananeira, larangeira, etc. As creações limitam-se a algumas cabeças de gado bovino, muitos porcos, cabras, gallinhas e carneiros que vendem tambem ao europeu.

Todavia, com o desenvolvimento da rede ferro-viaria tenderá a desapparecer o emprego dos carregadores e attendendo por outro lado á indole domavel dos habitantes e aos effeitos das operações militares, acção das missões nacionaes, e esforços de uma administração que bem se oriente, é de crêr que a pouco e pouco se consiga adaptal-os ao regimen do trabalho agricola. Um indigena empregado em serviço jornaleiro recebe 100 réis por dia.

HANHA—Cachoeira e floresta no rio Cubal (encosta)

EGYPTO (BENGUELLA)—Boá-bá (imbondeiro)

HANHA—Cabeça de caravana para Benguella

CACONDA—A fortaleza, outra vista de frente

PARTE II

A COLONISAÇÃO

CATUMBELLA—Rua do Cuio

HANHA—Aspecto géral (plateau do fortim)

EGYPTO (BENGUELLA)—Fazenda «Boa Vista» (Cacalla)

CACONDA—Rua de bananeiras na Missão Catholica

CACONDA—O interior da fortaleza

CAPITULO I

Systema de construcções

E' sem duvida um dos pontos importantes da colonisação, o problema das habitações.

Dispondo o colono de poucos recursos, no momento de installar-se, convem-lhe decerto um systema de construcção rapido e economico sem prejuizo das necessarias condições de hygiene e conforto.

Usa-se no planalto um typo de casas que parece, com ligeiras modificações, satisfazer, quasi por completo, ás condições desejadas.

Nivelado o terreno risca-se um rectangulo com 9 metros de frente e 4 de profundidade, o qual se divide em tres compartimentos eguaes.

Cava-se, depois, ao longo de todo o pavimento e divisorias, um rego de proximamente $^1/_2$ metro de fundo e 3 decimetros de largo, onde se alinham paus, verticalmente, a pequena distancia uns dos outros, que se vão fixando ao solo por meio de terra socada a malho, com pedras pequenas.

Sobre esses paus a pique, a que se conservou a casca para melhor péga do barro, applicam-se horisontalmente pela parte de dentro e pela de fóra, varas de madeira com intervallos de 2 a 3 decimetros que se lhes prendem por meio de cordas, tendo em seguida o cuidado de serrar paus e varas na altura e largura de portas e janellas, onde mais tarde se pregam os caixilhos.

Entre os paus a pique das paredes mestras collocam-se de 2 em 2 metros outros, com forquilha, des-

tinados a supportar os paus horisontaes, onde teem de assentar as asnas para a armação do telhado.

As asnas em numero de tres devem ser de thesoura, feitas de madeira rija descascada, e o telhado de quatro aguas, constituido por um systema de varas analogo ao das paredes, mas mais intervalladas.

Concluido o esqueleto da casa, procede-se á cobertura, acamando sobre os paus e varas, feixes de capim, que se vão prendendo de baixo para cima até rematar n'uma serie de feixes terminaes com a fórma de vassouras.

Concluido o telhado applica-se ás paredes por dentro e por fóra, reboco de barro, amassado com agua e areia, misturando-lhe ainda, nos intervallos das varas, pedras pequenas, de modo a alcançar uma espesura de 2 a 5 decimetros.

Finalmente uma ultima camada de barro dada com colher de pedreiro, completa esta parte da obra.

A formação do pavimento interno obtem-se com barro, não amassado, espalhando-o em camadas que se comprimem a malho para adquirir consistencia e dureza, devendo attingir a espessura minima de 3 decimetros.

Por ultimo, prepara-se por processos semelhantes, a varanda coberta, que póde circumdar a casa completamente com a largura de 1 metro, o que é sempre vantajoso, ou pode conservar essa largura só na frente reduzindo-se um pouco para os lados e parte detraz.

Collocadas as portas e janellas, e feitas duas pequenas dependencias no quintal, para cosinha e dispensa ou arrecadação, fica o colono possuindo o que mais precisa para viver e dispondo, para moradia, de uma casa com 2 quartos e sala-corredor, elevada de 3 a 4 decimetros e portanto livre dos effeitos da humidade e com uma varanda em volta que lhe servirá de passeio, abrigo e resguardo contra as chuvas torrenciaes.

Uma casa d'esta ordem, que emprega materiaes da localidade, inclusivamente nas ligações, feitas com cor-

VALLE DO KUIVA—Blocos graniticos

BENGUELLA—Nascente de agua medicinal, no Uche

CATUMBELLA—Largo da Camara em dia de festa

das de entrecasca de arvore, e apenas requer, para a construcção, o auxilio de um restricto numero de indigenas, não deve, em regra exceder no custo, uns 100$000 réis.

A photographia que acompanha esta descripção dá uma ideia completa do edificio.

HANHA—Aspecto geral (valle no rio Ubiri)

HANHA—Chegada de carros boers de Benguella

HANHA—Aspecto geral (Cabeceiras do rio Songin)

HANHA—Aspecto geral (queda de agua no rio Ubiri)

CAPITULO II

Hygiene e alimentação

Roupas e agasalhos

Expostas em capitulo anterior as condições climatericas da região, conclue-se que o colono tem de vir prevenido com roupas e agasalhos para o frio, artigos de oleado para as chuvas e humidade, sendo absolutamente recommendavel o uso de chapeu de abas largas, de feltro, com camara de ar e ventiladores, e o de botas de cano alto e sola grossa, estas principalmente para evitar a humidade do solo nos terrenos das anharas.

Epoca da chegada

Aconselha-se para esse effeito o inicio da estação secca, quer dizer maio, não só por corresponder ao periodo em que o clima do planalto mais se approxima dos climas temperados, facilitando a transição, mas porque garante uns mezes sem chuva para a construcção da casa.

Trabalho e exercicio

Durante a estação secca, nos mezes de maio a julho, em que é mais intenso o frio, deverá evitar-se o trabalho agricola de madrugada começando-o com o sol acima do horisonte.

A caça e a pesca, conveem como exercicios para avigorar o organismo e fugir á vida sedentaria concorrendo além d'isso para a melhoria da alimentação. Venha, pois, o colono munido com armas de chumbo e bala na certeza de encontrar nas anharas e florestas desde

os antilopes de saborosa carne, até ao «onhani» da corpolencia de um boi, e ainda grande variedade de aves, desde a rola até o «Epumumu» grande perú do matto. Para a pesca egualmente os rios garantem bons resultados, como se deprehende da fauna atraz descripta.

Alimentação

O regimen em demasia vegetariano dos nossos homens do campo, deve aqui banir-se, por deficiente, convindo antes adoptar uma alimentação um tanto mais succulenta e variada.

A caça para isso concorrerá, quer com productos frescos, quer com as reservas que se obteem seccando á sombra, em tiras, as carnes de cavallo marinho, corças e mais animaes.

Não pretendem estes conselhos significar que o colono abandone o seu labor de culturas, para andar por montes e valles atraz das peças de caça. Basta que um dia ou outro, dê o seu passeio hygienico de arma ao hombro, que, se Santo Huberto o ajudar, colherá para a semana, e ir-se-ha habituando a conhecer e a ter amor á sua nova terra.

As bebidas alcoolicas fortes devem pôr-se de lado. Gostando de regar a comida com um liquido alcoolico, e quando não seja accessivel um pouco de vinho tinto, antes se adopte a bebida fermentada indigena que tem por base o milho, especie de cerveja, bastante nutriente e refrigerante.

Como typo de boa ração diaria para um homem apresentamos a seguinte: carne de vacca ou antilope, $0,^{k}212$; leite, $0^{l},250$; farinha, $0^{k},200$; batata, $0^{k},400$; legumes, $0^{k},250$; gordura, $0^{k},025$; café, 20 grammas; assucar, 30 grammas.

CHISSALA—Um aspecto do rio

CACONDA — Rua entre a egreja e casas da Companhia Commercial denominada José d'Anchieta

CACONDA — Carnaval em 1908

CAPITULO III

Trabalho agricola

O trabalho agricola no planalto faz-se por serviçaes contractados nas fazendas dos europeus, e pelos indigenas nos seus arimos, por processos primitivos com pequenos sachos que mal podem aprofundar o solo, e se as colheitas resultam soffriveis, é porque a bondade do solo supre os defeitos da cultivação.

Algum trabalho regular e methodico se tem, todavia, executado em propriedades de europeus e nas missões catholicas de Caconda, Bailundo e Bihé.

Para uma lavoura racional requer-se a introducção de instrumentos agricolas, e o aproveitamento das forças animaes, pois lavoura a braços sáe cara e além d'isso, só difficilmente se vencerá a reluctancia dos indigenas para cavar fundo.

Será o colono dotado com esses instrumentos proprios, incluindo charrua, e grade; e outros de mais difficil alcance pelas bolsas individuaes, deverão existir para serviço da communidade quer nos postos de experiencia do governo, quer mesmo adquiridos pelo cooperativismo dos interessados.

Logo que se installe, estabelecerá o colono a sua horta não longe da habitação, e em local para onde possa conduzir agua com uma certa facilidade, ou abrir poços. Escolhe-se um solo fertil, fundavel, fresco e abrigado dos ventos dominantes. Organisam-se canteiros e fazem-se arruamentos ladeados por arvores fructiferas.

ara esta, como para as restantes culturas, os pos-

tos de experiencia do governo fornecerão consulta. No entretanto pode em regra obedecer-se ás seguintes indicações:

a) Em terreno de floresta a primeira operação consiste na derruba de arvores e arrancamento de raizes. Sendo o terreno destinado a trigo de outomno ou outros cereaes cumpre iniciar a lavoura no principio da estação secca.

Dá-se então uma charruada de 20 a 25 centimentros de profundidade, e em seguida uma gradagem. Fica assim a terra exposta á acção melhoradora dos agentes atmosphericos durante os mezes seccos, e logo que cáem as primeiras chuvas,—ahi por meiados de setembro ou principio do outubro,—applica-se uma lavoura cruzada de 15 a 20 centimetros e uma gradagem. Passados 75 dias faz-se a lavoura de sementeira a lanço ou com semeadores mechanicos. Durante a vegetação executam-se os trabalhos de mondas, sachas e amontoas;

b) Sendo terrenos de *anhara* faz-se a limpeza completa de plantas herbaceas, que poderão ficar enterradas por meio da primeira lavoura, constituindo uma estrumação em verde.

As operações subsequentes são analogas ás anteriores;

c) Quando se tenha em vista o trigo da primavera, as lavouras de preparação devem executar-se durante a quadra pluviosa e a sementeira em meiados de março a principios de abril, afim de que as plantas possam entrar nos mezes frios da estação secca com uma certa resistencia e desenvolvimento.

A cultura da batata faz-se em lavoura á raza, ou em camalhão. O periodo vegetativo regula por 60 a 70 dias, e as producções são muito abundantes.

O vapor *Loanda* atracado á ponte do Lobito

BENGUELLA—Estação do cabo submarino

BENGUELLA—Hospital D. Carlos I

HUAMBO — Typos de mulheres

HUAMBO — Typos

CAPITULO IV

Culturas e creações

a) Cultura

De um modo geral as referencias aqui feitas ás condições da terra e clima, bastam para fornecer ideia da adaptabilidade do paiz a certas culturas sub-tropicaes ou da zona temperada.

Merecem as culturas cerealiferas attenção particular já como elemento da subsistencia local da colonisação já ainda pelo importante papel que póde acaso caber-lhes no desenvolvimento economico do paiz.

Ensaios anteriores feitos nas missões, na estação agronomica de Caconda, e em diversas propriedades particulares, fornecem lição aproveitavel quanto á maneira como se comportam sementes de numerosas variedades, seus rendimentos, epocas de sementeira, e mais circumstancias interessantes, encontrando-se, portanto, ahi, um guia de certa confiança para os primeiros passos dos colonos.

Além de trigos, tambem a cevada, centeio, aveia, e sarraceno, sem falar nos milhos, se teem ensaiado com vantagem.

Muitas arvores de fructo, e plantas horticolas.

O feijão e a fava, a batata e a mandioca, assim como a beterraba, o sorgho sacharino, e o arroz de sequeiro, representam egualmente outras tantas culturas já mais ou menos conhecidas no planalto.

O mesmo se dirá do tabaco e algodão.

Emfim as actividades agricolas encontrarão logo de começo um campo não restricto de exercicio, e, com o

estudo, mais largos horisontes se lhes irão rasgando pela experiencia de novas plantas como sejam as manihots ou outras borrachas exoticas, a ortiga, a araruta e mais essencias, a que o meio se preste, e as exigencias dos mercados promettam saída.

b) Creações

Algumas especies domesticas possue o planalto que convenientemente tratadas, pódem constituir riqueza importante.

Gado vaccum

Encontram-se tres raças:

1.ª Bois do Gengi (Barotze) de raça ingleza; corpulentos, mas pouco empregados para tracção por terem os cascos molles; servem para bois-cavallos, e para corrigir as raças indigenas. Pagam-se por 35$000 réis.

2.ª Bois do Selles (Novo Redondo); são de pequeno talhe; constituem o grosso do gado indigena.

3.ª Bois de Quillengues; teem um pouco mais de corpo; pertencem á raça do planalto sul; um boi regular importa em 20$000 réis.

Póde, todavia, affirmar-se que, taes como se apresentam, essas raças bovinas são de pequeno valor como productoras de carne e de leite, e dotadas de pouca força; uma junta de bois mal puxa pela charrua lavrando a 15 centimetros.

Estão pois naturalmente indicados alguns esforços a favor da melhoria, quer talvez por meio de cruzamentos, quer decerto por selecção e modificações no systema do tratamento, pois os indigenas descuidam bastante o seu gado não só na alimentação, como no abrigo, que se resume em cercados de pau expostos a todas as intemperies.

Assim se concorreria tambem para diminuir a intensidade de algumas das doenças que ali os affligem, taes por exemplo, a peripneumonia infecciosa, a sarna psoroptica e outras.

Gado ovelhum

Existem duas castas de carneiros, uma com chifres, e outra sem elles. Esta é oriunda do Bailundo, e a mais espalhada; o macho tem mais corpo que a femea, e a côr apresenta-se em geral malhada de branco e negro, e branco e castanho. As ovelhas amamentam uma a duas crias, sendo a producção lactigena sufficiente para creação.

Desenvolvem-se bem, e resistem ás influencias do meio.

Não produzem lã. Vivem e dormem da mesma fórma que os bois, á chuva, ao frio, e ao cacimbo.

A sua creação é lucrativa, e de facil manutenção, podendo constituir um ramo de industria agricola, quando se lhe apliquem beneficiamentos racionaes.

Gado caprino

A raça indigena é de acanhadas proporções, enfezada e attreita á sarna, produzindo pequena quantidade de leite.

Requer egualmente a intervenção da pecuaria esclarecida.

Gado suino

Constitue a creação mais abundante entre europeus e indigenas, e não ha povoação d'estes que não possuam dezenas de porcos.

Comquanto de proporções regulares, não apresentam typo definido, em consequencia da reproducção sem criterio e miseria alimentar, defeitos que melhores processos remediariam sem custo.

Gado cavallar

Não tem sido possivel propagar a raça por causa da epizootia reinante em todo o planalto central africano, a qual não constitue de facto impedimento irreductivel, mas difficulta, na verdade, a implantação da raça, tornando-a dependente de persistencias, de recursos, e de

ensaios, a que até agora, as circumstancias não abriram ensejo.

D'entre o que se tem reconhecido, é a raça de Cabo Verde a que melhor resiste.

Gados muar e asinino

São refractarios á epizootia, havendo comtudo doenças que os victimam, os laparões para as mulas, e a sarna para os burros.

Quasi todos os europeus do planalto possuem mulas e burros.

Gallinaceos

As gallinhas de creação indigena são pequenas. Nas fazendas veem-se as raças aperfeiçoadas, de varias qualidades, assim como perús, patos, ganços e pombos.

Pastagens

Encontram-se no planalto diversas especies de gramineas, tenras, finas e nutrientes, constituindo excellente forragem, e ainda algumas leguminosas umbelliferas que, de mistura com aquellas, formam alimentos completos.

Rio Dongo — A pedra do raio

INDICE

Pag.

PALAVRAS PREVIAS..... 3

PARTE I

O Paiz

CAPITULO I—DESCRIPÇÃO GEOGRAPHICA..... 15

a) O porto e a via ferrea..... 15
b) Definição da faixa colonisavel..... 15
c) Orographia..... 16
d) Hydrographia..... 18

CAPITULO II—FLORA E FAUNA..... 27

a) Flora..... 27
b) Fauna..... 30

CAPITULO III—A TERRA..... 43

a) Constituição geologica..... 43
b) Natureza das terras..... 46

CAPITULO IV—AGUAS..... 53

CAPITULO V—CLIMA..... 59

CAPITULO VI—POPULAÇÃO INDIGENA..... 65

PARTE II

A Colonisação

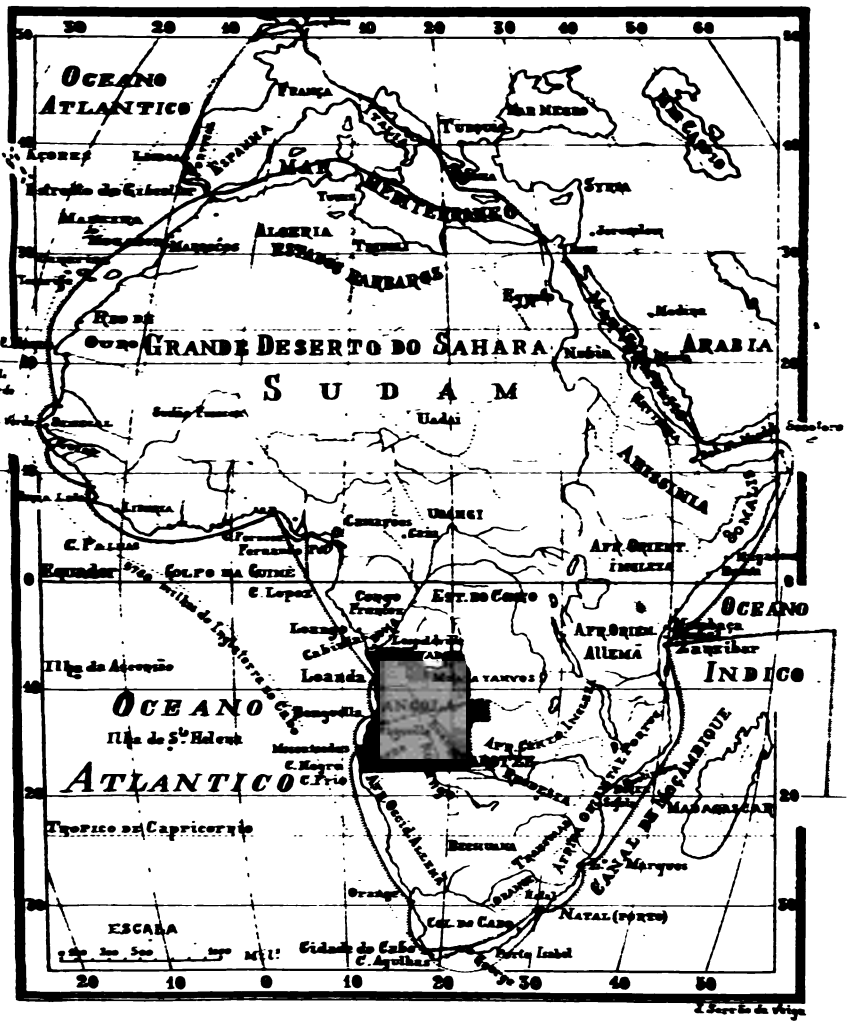
CAPITULO I—SYSTEMA DE CONSTRUCÇÃO..... 77

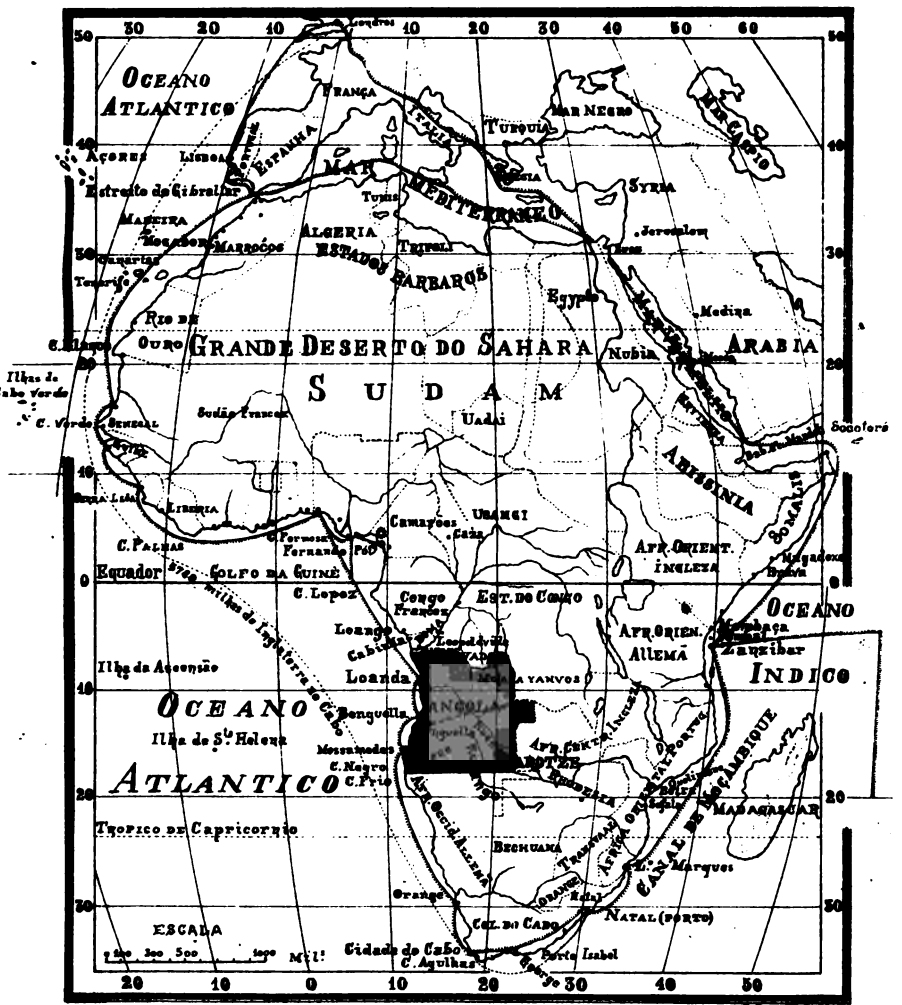
CAPITULO II—HYGIENE E ALIMENTAÇÃO..... 85

CAPITULO III—TRABALHO AGRICOLA..... 91

CAPITULO IV—CULTURAS E CREAÇÕES..... 97

a) Cultura..... 97
b) Creações..... 98

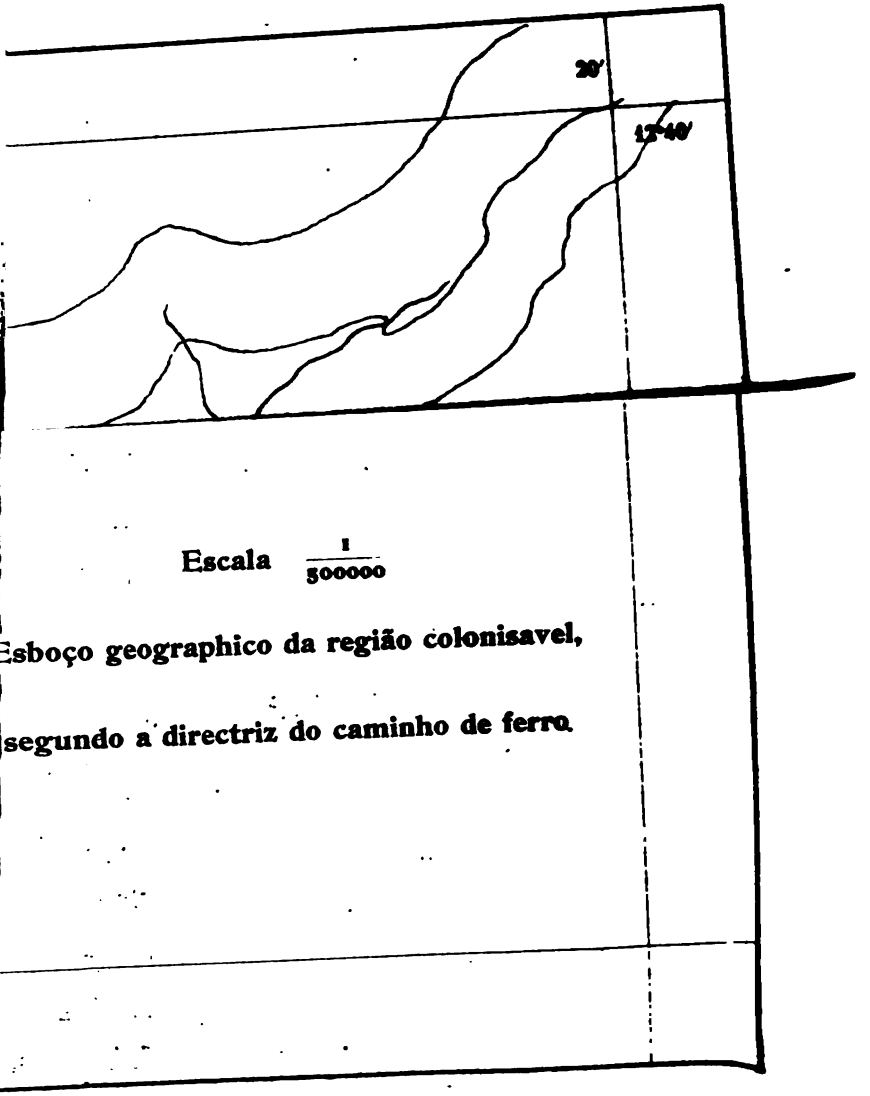

OCEANO ATLANTICO
FRANÇA
ITALIA
MAR NEGRO
TURQUIA
ASIA
ESPANHA
MAR MEDITERRANEO
TUNES
ALGERIA
ESTADOS BARBARES
Rio de Ouro
GRANDE DESERTO DO SAHARA
ARABIA
Nubia
Egypto
Mecca
Medina
SUDAM
Wadai
ABYSSINIA
SOMALIS
Zanzibar
Congo
Uganda
C. Palmas
Equador
GOLFO DA GUINÉ
C. Lopez
Congo Francez
EST. DO CONGO
OCEANO INDICO
AFR. ORIENT. ALLEMÃ
Ilha da Assunção
Loanda
ANGOLA
OCEANO ATLANTICO
Ilha de S.ta Helena
C. Negro
C. Frio
Tropico de Capricornio
BECHUANA
Orange
C. DA CAFRA
NATAL (PORTO)
MADAGASCAR
CANAL DE MOÇAMBIQUE
Marques
ESCALA
Cidade do Cabo
C. Agulhas
Porto Isabel



J. Ferreira da Veiga

sboço

segund



Escala $\frac{1}{500000}$

Esboço geographico da região colonisavel,

segundo a directriz do caminho de ferro.

HOOVER INSTITUTION

To avoid fine, this book should be returned on or before the date last stamped below

15M—2-68—19803

Gaylord
PAMPHLET BINDER
Syracuse, N. Y.
Stockton, Calif.

DT 611.8 .B4 A59 C.1
Breve noticia sobre o pAPQ3718
Hoover Institution Library
3 6105 083 145 826

DT611.
B4A59